

Uma Reflexão Sobre a Educação na Dimensão de uma Organização Cultural

Maria Judith Sucupira da Costa Lins

RESUMO

Este artigo lida com a questão da Educação em um domínio específico de uma cultura: a Escola. A escola é analisada como a organização cultural com fins educacionais ao longo de diferentes características de culturas. A interação entre a pessoa e a cultura é também objeto desta discussão. A questão do significado da Escola no processo da Educação e seu importante papel na cultura é o tema principal deste estudo. Sugere-se que este tema deve ser desenvolvido por contínuas pesquisas.

Palavras-chave: Educação – Escola – Cultura – Interação Pessoa/Cultura – Organização Cultural.

I - Introdução - Em Busca de Conceitos

Quando se pretende refletir sobre a Educação, em qualquer que seja a sua dimensão, pensa-se em geral que é preciso que se tenha em primeiro lugar estabeleci-

**Maria Judith
Sucupira da
Costa Lins**

*Doutora em Educação,
Universidade Federal
do Rio de Janeiro*

*Professora Adjunta,
Faculdade de Educação,
Universidade Federal
do Rio de Janeiro*

do qual o conceito que suporta este termo. Esta, no entanto, não é uma das mais fáceis tarefas, como poderemos ver ao analisar a obra de pensadores diversos que se debruçaram sobre a questão da Educação.

A Educação pode ser considerada como uma proposta real de desenvolvimento da personalidade como um todo, visando ao aperfeiçoamento do homem enquanto homem, na expressão escolástica, tal como o ser enquanto ser, o que significa que o homem está sendo encarado na sua perspectiva formal de homem. A Educação pode também ser considerada como um processo de aculturação ou de socialização de modo a permitir a integração de um indivíduo no grupo ao qual deve pertencer. Esta é uma visão marcada pela sociologia e aponta para outra vertente igualmente importante. Estabelecer, pois, um conceito absoluto não é, a nosso ver, possível. Não há uma idéia unívoca e cristalizada que possa ser consi-

derada a expressão completa e satisfatória da Educação. A discussão em torno da idéia de Educação é uma das mais interessantes e que persiste, sempre acesa, permeada por diversas correntes filosóficas, ideológicas, religiosas, antropológicas, sociológicas, psicológicas, biológicas e tantas outras. Há uma grande influência de diferentes campos do saber na composição da compreensão do que é na realidade a Educação.

Há controvérsias sobre o conceito de Educação, além do fato de que os aspectos sociais e individuais ganham realce diferente segundo os pressupostos que procuram explicá-la. Não é nossa intenção fazer aqui um aprofundamento deste debate, mas apenas introduzir o problema central de nosso tema, por isso faremos apenas um rápido esboço a fim de que seja criada uma imagem que ajude a compreensão da evolução das teorias sobre a Educação, no que isto tem de importância para o tema escolhido.

Nas grandes civilizações pré-gregas, a Educação pode, resumidamente, ser conceituada como a atividade exercida por um determinado segmento de um povo sobre outro segmento, no sentido de que a tradição fosse transmitida e preservada. Assim é que, ao se estudar a História da Educação, se encontra a preocupação, presente em diversas manifestações culturais, de se fazer a Educação com este objetivo. Certamente que as características próprias de cada cultura marcavam as diferenças, mas um núcleo em comum pode ser detectado, na medida em que a Educação se presta fundamentalmente ao esforço da ma-

nutenção das produções culturais e da continuidade destas através da iniciação à qual os jovens deveriam ser submetidos.

Deste modo, posso ver a Educação como a firme preocupação em se passar para a nova geração um cálice repleto, do qual nada se pode perder, e também ao qual nada mais se pode acrescentar. Este é cuidadosamente preservado por algumas pessoas especialmente designadas para esta função, as quais deverão entregar o precioso recipiente com seu igualmente sagrado conteúdo aos jovens. Esta passagem é sempre feita segundo normas e prescrições rigidamente estabelecidas e os jovens que recebem este cálice, por sua vez, serão responsáveis pela manutenção do líquido até o momento de passá-lo para a geração seguinte e, assim, sucessivamente.

Este é o quadro que imagino para descrever a situação conceitual da Educação naquele momento da História, quando a tradição cultural ocupava um lugar de primazia em relação à pessoa propriamente dita a ser educada, idéia esta inexistente.

Num sentido bastante diferente do que se entende hoje em dia, havia naquelas culturas a instituição escola. Em algumas civilizações, como a egípcia, por exemplo, há documentação referente à existência de escolas, mas sempre numa atividade coerente com a imagem que criei para uma melhor comunicação. Não poderíamos afirmar que nessas escolas houvesse propriamente educandos, como sujeitos da Educação, mas sim aprendizes que receberiam os ensinamentos dos mestres referentes à cultura. Havia discípulos aos quais eram

oferecidos os ensinamentos, basicamente os elementos da cultura da qual faziam parte. Eles seriam os depositários da produção cultural e deveriam guardar esses elementos cuidadosamente para que não fossem perdidos. Isto é também observado nas antigas e bem estruturadas civilizações chinesa, hindu e persa (Monroe, 1958, Hubert, 1976)

Com o advento do pensamento grego, uma grande revolução nesta concepção de Educação vai acontecer, principalmente pelo que houve de corte crucial no que diz respeito à idéia de ser humano. (Marrou, 1975) Esta nova idéia de ser humano vai colocá-lo em uma nova posição, conseqüentemente trazendo profundas modificações quanto à Educação. Não nos cabe aqui traçar uma retrospectiva, pois a finalidade deste estudo é outra. Mas vejamos apenas a novidade expressa nesta inversão ocorrida na posição do ser humano, trazida com os primórdios da filosofia grega.

O cálice não é agora o mais importante, não é o objeto sagrado que deve ser cultuado e preservado, mas sim o ser humano, que antes apenas o recebia e o passava adiante. O ser humano é agora o centro das atenções. Quem é este ser humano? A pergunta começa a se tornar cada vez mais instigante e a Educação passará a ser centrada no ser humano. À indagação crucial, "quem é este ser humano?", segue-se inevitavelmente uma nova concepção de Educação. O ser humano surge como o agente primeiro da Educação. O ser humano foi inaugurado a partir deste novo posicionamento e de tal modo ressal-

tado que, a partir daí, houve até em alguns casos, progressivamente, um relativo esvaziamento do cálice. Vive-se desde então esta angústia dialética ser humano/cultura, com movimentos oscilantes ao longo de toda a História da Educação.

Dando-se um salto histórico é possível observar-se que os modernos (e, notadamente, os pós-modernos) movimentos de renovação na Educação, tais como a reflexão crítica, a análise dos acontecimentos históricos e socioculturais, levaram a uma terceira perspectiva nesta nossa imagem/exemplo do cálice. Nota-se, a partir de então, uma nova preocupação inteiramente diversa do que vinha acontecendo. Não mais a tradição da conservação cultural como um bem em si mesmo, um tesouro intocável (o cálice repleto a ser passado às novas gerações), nem o ser humano isolado de sua contextualização, abstrato, senhor absoluto do mundo, embora desvinculado deste. Parte-se para uma idéia de interação ou intercomplementariedade: o ser humano e tudo que é representado pelo cálice estão numa integração recíproca, mais do que somados, devem formar um todo resultante de uma relação dialética. São as novas teorias que estudam o ser humano e as suas relações com o meio ambiente, o ser humano em uma posição de diálogo com a própria cultura. É o ser humano compreendido por todas as áreas do saber já citadas.

Podemos considerar a análise exposta por Max Scheler (c1929) como o início des-

ta visão, preocupando-se o filósofo com a posição do ser humano no mundo, indagando sobre qual é esta posição em relação aos demais elementos integrantes do seu meio e fazendo assim surgir a Antropologia Filosófica. É, pois, então, diante desta visão do ser humano, que surge a Educação como uma ação global, não apenas sobre o próprio sujeito, mas contando com este na direção de seu aperfeiçoamento, o qual só poderá acontecer em equilíbrio com a cultura onde ele vive e atua continuamente. Ainda na linha desta reflexão, observe-se o comentário de Maritain (1963 p. 13), enfatizando a única possibilidade de se pensar o ser humano, de se realizar a Educação do ser humano, considerando-o como o ser humano necessariamente datado: "Sem dúvida, a tarefa da Educação não está em formar o homem abstrato de Platão, mas em formar uma criança de determinada nação, de determinado meio social e época histórica."

Feitas estas considerações iniciais, podemos passar para a discussão sobre a Educação acontecendo no âmbito de uma instituição. Tentando-se classificar a Educação, distinguindo suas características para melhor compreendê-la, encontramos duas formas nitidamente distintas: "uma difusa, como uma interação ou comunhão e uma concreta, cristalizada, como uma instituição. São elas a Educação assistemática e a Educação escolar ou sistematizada." (Cirigliano, 1969 p.47)

Esta é uma distinção bastante conhecida por todos e apenas a trouxemos para que ficasse claro que analisaremos aqui a Educação em sua dimensão sistematiza-

da, inserida numa Cultura, apresentando contornos visíveis que a delimitam dentro de um espaço próprio. Segundo as modernas teorias de Organização a idéia de assistemática não se encontra totalmente em oposição à de sistemática, aliás, como o termo indicaria, pois ambas são em princípio formas de organização, embora com aparências diferentes. Seria apenas uma outra forma, a assistemática, cuja identificação do tipo de organização é mais difícil e mais remota. Assim é que a Educação assistemática seria entendida como "a forma originária da Segunda (sistemática)." (Cirigliano, 1969-p.47)

Perguntaríamos então: A escola é uma Organização ?

Como fruto de uma atividade intencional, regida por leis gerais e também por regras dispostas em um regimento aprovado por um grupo, e se desenvolvendo segundo fins e objetivos determinados, fica evidenciado ser a Escola uma Organização. A Escola é a forma organizada da Educação, pois, constituindo um sistema próprio, com necessidades e soluções para estas, a Escola sobrevive exatamente por se caracterizar como Organização. Um caos, ou algo amorfo, indistinto, sem características nitidamente identificáveis, não poderia pretender realizar uma ação educativa. Através de um planejamento, a escola vai-se afirmando como uma Organização a funcionar segundo as concepções originais que a nortearam e sempre buscando o equilíbrio entre as interferências desequilibradoras para conseguir a sua própria adequação.

Falando-se em Escola que representa precisamente o processo de Educação numa perspectiva de Organização, procuramos introduzir uma das idéias para análise deste tema. Para isso impõe-se no momento o conceito de Organização. Esta não é uma tarefa de modo algum fácil. Há diferentes classificações, segundo critérios específicos, de modo que os conceitos são muitos, nas variadas teorias. Partindo-se do Taylorismo às mais modernas versões, seria impossível listar as definições encontradas.

Das teorias clássicas ao pós-moderno, passando por Marx, Freud e os Culturalistas, entre outros, muitas são as maneiras como as Organizações são vistas e vividas. Além do que é um fenômeno atual a existência de tantas organizações e, inevitavelmente, isto leva a modelos que se alteram, surgindo a todo tempo novas criações. Inclusive porque todos os fenômenos organizacionais, sejam quais forem, estão permeados da Cultura, já que não podemos esquecer o fato de que as Organizações não existem num mundo extraterreno, não estão à parte, mas sim encravadas em Culturas reais e concretas, num intercâmbio constante.

Apesar das diferenças existentes entre os seres humanos, entre os agrupamentos que formam, o ser humano vive em organizações, sendo o núcleo germinativo da Cultura a sua primeira relação organizacional. A partir do momento da ação sobre a natureza, transformando-a segundo sua vontade e criando um meio artificial, o ser humano inicia a sua vida em Cultura, ao mesmo tempo que está inici-

ando uma Organização. Como outras formas de Organização, a Cultura, desde a sua forma embrionária, é regida por princípios de solidariedade, racionalidade e preservação, o que nos leva a afirmar que Cultura é uma Organização.

Segundo os conceitos que compõem o modelo tradicional de Organização, a aglutinação informal se transforma gradativamente, pois, dado um objetivo, a Organização passa a ser instalada para que este objetivo seja alcançado. Com o crescimento das organizações, as idéias de papel, cargo, função, tarefa, administração passaram a tomar um lugar exagerado, esquecendo-se o ser humano de que na Organização ele é antes de tudo um ser humano. As Organizações visam à ação e a Teoria de Taylor refletia a ação. Sabe-se que é uma teoria descritiva acrescida de um dever ser, uma crítica normativa, orientada pela produção, que é a única proposta de Organização na Teoria Clássica. As Teorias Contemporâneas enfatizam as modificações do ambiente (Antropológica), as características da sociedade e da economia (Marx), as características psíquicas do ser humano (Freud), além de outras.

Esta breve idéia de Organização nos leva à pergunta: quais são as organizações educacionais de nosso tempo? Universidades, escolas, burocracia, pesquisa, agentes financeiros, meios de comunicação, religião, editoras, cinema, informática, jogos, música, arte em geral e outras formas. Dentre estas, algumas não são propriamente organizações educacionais, pois o objetivo primário não é a Educação em todas elas; somente em determinadas situ-

ações estas organizações assumem um papel educativo. O nosso tema se restringe à organização Escola.

No momento não vamos nos estender sobre a questão das organizações mas apenas salientamos um conceito que nos possibilitaria uma compreensão: "Organizações são em essência realidades construídas socialmente que permanecem muito mais nas cabeças e mentes de seus membros do que nos conjuntos concretos de regras e relações." (Morgan, c1986 p.131)

As escolas, em sua dimensão de organizações culturais, são, na verdade, compreendidas segundo o imaginário cultural e não entendidas através de dados objetivos, números, informações, tabelas, registros ou outros elementos supostamente indicadores. A preocupação com a Educação numa dimensão da Escola enquanto Organização Cultural nos remete a uma questão profunda, gerada a partir desta constatação: o que pensam desta organização as pessoas ali diretamente envolvidas? como concebem a escola? como entendem a cultura onde a escola está situada?

A Escola é o que a direção, professores, coordenadores, assessores, funcionários, alunos e pais pensam que ela é, daí a impossibilidade de um conceito absoluto e generalizável. A escola não é apenas o que aparece de forma objetiva, mas a imagem e a interpretação que os usuários fazem dela, e que certamente serão culturais, porque estes fazem parte de uma cultura. Esta idéia é bastante difundida, pois se

considera que "é esta então a tarefa da escola – ministrar ao aluno, por meio dela, a aquisição dos valores culturais da vida." (Cunningham, 1975, p.269)

Neste sentido podemos compreender a advertência feita por Bruner quando analisa as relações entre a Educação e a Cultura: "Culturalismo toma como sua primeira premissa que educação não é uma ilha, mas parte do continente de cultura." (Bruner, 1996, p. 11) Esta é a perspectiva básica para nosso tema e que pode ser bem entendida como uma manifestação de uma forma de culturalismo.

A Educação é uma preocupação cultural antiga entre os seres humanos, como já nos referimos, e para realizá-la os diversos povos procuraram organizar sua própria história. Conhecendo as suas construções imaginárias e os ideais acumulados ao longo do tempo, geraram um tipo de escola com determinados objetivos. Esta idéia aparece no relatório da Unesco sintetizando esta introdução: "Concorda-se em pensar que, desde as épocas mais longínquas, o homem usou de seu Dom da palavra para comunicar conscientemente de indivíduo a indivíduo, de geração a geração, uma aquisição de experiências práticas, de códigos de interpretação dos fenômenos naturais, de regras, de ritos e de tabus, fazendo assim da socialização das memórias individuais um dos meios essenciais da sobrevivência da espécie, principalmente graças ao desenvolvimento das atitudes instrumentais com as quais o 'Homo Sapiens', único entre seus congêneres animais, se encontra dotado." (Faure, 1972, p.3) Compreende-se assim

a questão da aquisição da tradição cultural no sentido da permanência e da transmissão.

Não há um modelo de escola, mas, desde as sociedades primitivas, a Educação vem sendo realizada, repetimos, de um modo ou outro, múltipla e contínua, segundo as características peculiares de cada comunidade cultural.

II – A Escola na Cultura

A Escola em seus diferentes graus, desde o que atualmente se conhece como a Educação Infantil, pela Lei 9.394 de 20.12.1996, modificando de forma pertinente a antiga Educação Pré-Escolar, passando por todos os níveis e denominações, inclusive a Universidade e as formas alternativas, é uma Organização que de modo algum poderia ser compreendida fora de suas ligações com a Cultura da qual, na qual e para a qual surge.

Partimos assim desta hipótese afirmando a necessária dependência da Escola em relação à Cultura. O que se pode entender por Cultura, além de todas as formas de estudo apresentadas pela Antropologia? Decidimos fundamentar nossas reflexões na seguinte síntese: "Cultura é o modo de relacionamento do homem com as coisas do mundo." (Arendt, 1972, p.267) Esta afirmativa pode ser melhor entendida quando vista como conseqüência ao comentário: "conjuntamente, cultura no sentido de tornar a natureza um lugar habitável para as pessoas e cultura no sentido de cuidar dos monumentos do passado ainda hoje determinam o conteúdo e o significado que

temos em mente ao falarmos de cultura." (Arendt, 1972, p.266)

Muitos são os significados que a idéia de Cultura pode assumir e não pretendemos nos estender nesta busca. Apenas prosseguimos na investigação sobre o relacionamento Cultura/Educação, apresentamos um questionamento voltado para o interesse na análise da Cultura Popular para melhor compreensão e explicação da Educação como Cultura: "o que é cultura ? que relações existem entre ela e a vida social ? como se entrecem a cultura e a educação – ela própria uma complicada trama de práticas, sistemas e significados que apenas incide de um modo mais motivado sobre algumas dimensões da Cultura e seu sentido ?" (Brandão, 1985, p.119) É difícil se pensar uma resposta concreta para esta questão do relacionamento Cultura/Educação, no entanto procuraremos entender as interferências recíprocas de tal modo que a Organização denominada Escola possa vir a ser clarificada exatamente por pertencer a uma determinada Cultura. A idéia de Cultura será então abordada aqui através da própria tradição escolar.

Inicialmente observemos os exemplos apresentados, como se pode ler em relatórios da UNESCO, da tradição escolar em países e continentes, com nuances e detalhes específicos, mas tendo em comum a sua origem: - a necessidade de sistematização de elementos da cultura com o intuito de se iniciarem as crianças e os jovens nos segredos acumulados pela própria Cultura onde vivem. A Escola, juntamente com outras instituições de atuação menos

claramente dirigida, volta-se pois para o novo membro deste grupo, ajudando-o no seu processo de aculturação (ao menos este deve ser um de seus objetivos, se bem que nem sempre alcançado); de passagem de ser biológico a ser pertencente à comunidade cultural. Esta é uma das grandes preocupações desde o início do século evidenciada por Vygotsky (1994) ao proclamar a determinação da Cultura sobre o sujeito, valorizando a construção do ser cultural como prioritária e indispensável para que venha a acontecer a construção do ser psicológico.

A questão da Cultura em relação ao desenvolvimento do sujeito vem sendo estudada em diferentes abordagens. Uma destas, discutida nos estudos realizados por Cole (1996) sobre Cultura, lembra que: "O maior corpo de pesquisa intercultural sobre o papel da cultura no desenvolvimento cognitivo foi inspirado pelo trabalho de Jean Piaget. Desde o início de sua carreira, Piaget (1973) argumentou a respeito da existência de importantes variações culturais nos processos de pensamento" (Cole, 1996, p.86) Vale a pena sempre ressaltar a importância dada por Piaget (1973) ao próprio processo de aculturação, principalmente no que se refere à construção do julgamento moral. Continuando a citar a análise feita por Cole (1996): "Piaget julgou que as crianças adquirem habilidades específicas e conhecimento através de interações em instituições sociais culturalmente específicas. Na medida em que algumas sociedades fornecem mais experiências relevantes em geral para

a descoberta da natureza do mundo, diferenças verdadeiras no desenvolvimento serão criadas tanto no ritmo quanto no nível final de desenvolvimento." (Cole, 1996, p.87)

Entendemos que a Escola, em todos os graus, e por conta desta interdependência com a Cultura, esteja freqüentemente submetida a fortes pressões culturais, na medida em que há uma exigência implícita ou explícita de adaptação às constantes transformações que ocorrem no interior da própria Cultura. Uma das idéias discutidas neste contexto é a que se refere à assimilação cultural, entendida seja pela mediação simbólica de artefatos (Vygotsky 1994) ou pela imposição de padrões, tal como a tradição sociológica ensina e Bourdieu & Passeron (1975) denunciam. O papel da assimilação cultural vem sendo, pois, entendido em vários graus e formas, principalmente quanto à relação entre a Educação Escolar e a Cultura. Como este processo de assimilação cultural acontece na Educação Escolar, considerando-se que seja esta uma das funções da Escola, e em que medida se juntaria a outras funções importantes desta Organização? Educar não é simplesmente transmitir Cultura, por isso a tarefa da Escola se amplia e se estende muito além desta premissa.

Não sentimos aqui a necessidade de um aprofundamento histórico da evolução do conceito de Cultura, partimos do pressuposto de que esta é uma discussão básica pré-existente e que nos serve de base para a reflexão a que nos propomos. Por isso, dentre muitas outras possibilidades, selecionamos a seguinte idéia: "quando

falamos em cultura, estamos nos referindo tipicamente ao padrão de desenvolvimento refletido no sistema de conhecimento, ideologia, valores, leis e rituais do dia-a-dia de uma sociedade." (Morgan, c1986, p. 112) E continuando, para um maior esclarecimento: "Quando observamos uma cultura, seja em uma organização ou na sociedade como um todo, estamos observando uma forma expandida de prática social que foi influenciada por muitas interações complexas entre pessoas, eventos, situações, ações e circunstâncias em real. Cultura está sempre em expansão." (c1986, p. 139)

Analisando a relação educação/cultura vemos que: "Se entendemos a educação em seu sentido amplo de processo de integração dos indivíduos à sociedade, com a conseqüente preservação da cultura grupal, verificamos que a educação e a antropologia se relacionam intimamente, por tratarem ambas da herança social através das gerações, bem como dos mecanismos por meio dos quais essa transmissão se efetua." (Duarte, 1967, p. 129) Esta íntima relação se manifesta em todas as práticas pedagógicas efetuadas na Escola, marcando de modo preciso qual será esta Escola em todos os sentidos, ficando a Educação definida por este papel cultural.

A Educação precisa ser compreendida de forma concreta, pois não é algo difuso e vago, acontecendo sim, primordialmente, através da Organização cultural escolar. Esta relação real dá uma identidade à escola, sem a qual se tornaria artificial e distanciada da cultura, sem poder jamais al-

cançar seus objetivos, perdendo assim sua própria razão de ser. Por isso voltamos ao clássico Durkheim, que esclarece o enraizamento necessário da Educação no solo sociocultural quando afirma: "cada sociedade considerada em momento determinado de seu desenvolvimento possui um sistema de Educação que se impõe aos indivíduos de modo geralmente irresistível". (Durkheim, 1952, p.28) Estamos considerando o termo "sociedade", aí utilizado num significado muito próximo de "cultura", o que nos leva a aprofundar a importância da conexão Escola/Sociedade/Cultura, principalmente ressaltada na conhecida definição de Educação: "A Educação é a ação exercida pelas gerações adultas sobre as gerações que não se encontram ainda preparadas para a vida social; tem por objeto suscitar e desenvolver, na criança, certo número de estados físicos, intelectuais e morais, reclamados pela sociedade política, no seu conjunto, e pelo meio especial a que a criança particularmente se destina." (Durkheim, 1952, p.32) É precisamente esta idéia de "meio especial" que nos permite aproximar nesta definição o conceito de Sociedade ao de Cultura.

Além desta função da Escola, expressa no seu papel tradicional de instância mantenedora de valores culturais, "estados físicos, intelectuais e morais" existentes, a Escola se projeta no desconhecido, preparando pessoas para um futuro impossível de ser adivinhado. Deste modo a Escola exerce hoje o papel de agente da Educação encarregado de preparar as pessoas para tipos de cultura do futuro que ainda não existem e sobre os quais pouco se pode especular, principalmente devido às

incríveis e aceleradas mudanças existentes em todos os âmbitos da cultura. Já com esta preocupação é a idéia de Educação Permanente que assim foi expressa ainda na década de 70: “Não se pode mais, portanto, definir a Educação como uma técnica de adaptação. Ela deve continuamente referir-se e definir-se em função da dinâmica das transformações.” (Furter, 1975, p. 11). A Escola, como a Organização Cultural onde acontece o processo educativo, além de procurar acompanhar estas transformações, terá mesmo que antecipá-las, num esforço de criatividade que será fundamental para que não se torne algo sem significado. Este se lançar no tempo e antes do tempo não identifica uma ruptura com o passado, principalmente com a tradição cultural, muitas vezes equivocadamente sinonimizada a um passado enquanto apenas algo já acontecido. A tradição é um conjunto de realizações e valores com presença garantida na vida real e atual do povo, constituindo-se o cerne da própria Cultura. A este aspecto em especial Hannah Arendt muito dedicou suas reflexões e investigações filosóficas e políticas, analisando não só os pontos gerais, como também aqueles relativos ao mundo mais concretamente exemplificado à sua volta. Sobre a importância do papel da Escola na Cultura, falando sobre a crise na Educação, mostra que, por exemplo, nos Estados Unidos, uma terra de imigrantes (como aliás sabemos que muitas outras também o são, como estudos sobre multiculturalismo estão demonstrando), a “Educação desempenha um papel diferente; como é óbvio, a fusão extremamente difícil dos grupos étnicos mais diversos – nunca completamente lograda, mas supe-

rando continuamente as expectativas – só pode ser cumprida mediante a instrução, educação e americanização dos filhos de imigrantes.” (Arendt, 1972, p.267) À primeira vista esta preocupação da grande filósofa pode estar hoje politicamente incorreta, quando há uma luta pelo espaço travada por diferentes etnias. Entendamos o contexto da análise feita por Arendt, quando explica esta aculturação na América do Norte na medida em que reflete sobre uma Nação constituída com bases que a legitimam como tal e por isso esta afirmação surge, inclusive, no sentido de que haja uma igualdade de direitos para todos que compõem aquela Nação. Esta é, pois, uma corajosa afirmativa, que na prática se exemplificou de maneira magistral no seguinte fato acontecido concretamente, em que ela teve que se posicionar. Tendo sido convidada a participar de um abaixo-assinado que reivindicava a existência da Escola com um currículo especializado para os negros, conteúdos escolares ligados à sua cultura originária apenas, veementemente negou-se a tal, explicando que uma Escola deste tipo iria manter um grupo de cidadãos de uma cultura minoritária à margem da cultura mais ampla. Acrescentou que o mais justo seria exatamente o contrário, isto é, que fossem oferecidas oportunidades iguais para todos, de modo a permitir o acesso não só a este grupo específico, como a outros grupos culturais existentes dentro daquela cultura, ao mesmo saber, à mesma técnica, aos mesmos meios, a tudo que os demais cidadãos teriam. Enfim, que houvesse uma aculturação através da escolarização e que a Escola exercesse o seu papel político-sociocultural, facilitando a participação de

todas as pessoas na comunidade cultural como um todo. (Arendt, 1972)

O tema é bastante polêmico e está sendo objeto de pesquisas e estudos cada vez mais freqüentes no mundo inteiro, que se interessa pelas questões do Multiculturalismo e do Universalismo principalmente (Lins, 1999). Nesta concepção de Arendt, a organização educativa surge como o instrumento político possível para a integração de diferentes culturas numa cultura mais complexa, possibilitando aos cidadãos uma convivência cultural.

Analisando-se a Educação como produto e fator da sociedade cultural, encontramos esta preocupação desde os primórdios da própria Psicologia Social, antes mesmo que se estabelecesse uma disciplina, que hoje ganha cada vez mais força, conhecida como Psicologia Cultural. Assim é que podemos citar, apenas para que se tenha uma idéia desta preocupação mais antiga, o seguinte: "Na aculturação dos indivíduos membros de uma sociedade determinada, a Educação exerce um papel evidentemente considerável." (Stoetzel, c1963, p.72) Consideramos aqui o termo "Educação" no sentido mais restrito do que acontece na Escola, por ser esta a instância cultural organizada onde intencionalmente deverá ocorrer a Educação.

Analisar uma cultura, qualquer que seja, é uma tarefa de interpretação, mais do que de simples verificação direta. Uma Cultura se expressa não pelos seus significados, de modo evidente, mas pelos significantes. É praticamente impossível que alguém, vivendo numa determi-

nada Cultura, possa desvencilhar-se dos meandros existentes, do emaranhado de elementos e chegue objetivamente a uma transparência da Cultura. Do mesmo modo isto acontece nos sistemas de organização, onde "cada aspecto da organização é rico em significado simbólico" (Morgan, c1986, p. 132) São os rituais, no caso em questão, da Escola, desde o acesso a ela até a conclusão dos cursos, que se impõem no imaginário de cada um. Eles são carregados de significados simbólicos e permanecem, passando de geração a geração, exatamente por esta característica. Muitas vezes contribuem para a condenada rigidez da escola, a imobilidade desta, pois são os entraves às modificações, impedindo a atualização e a projeção para o futuro. No entanto, nem sempre rituais podem ser abandonados, pois se tornaram parte integrante e vital da Cultura e as pessoas necessitam deles como referências para sua própria sobrevivência. Mudanças bruscas não permitem o equilíbrio, por outro lado, estagnação leva à morte; esta é a dialética existencial na qual se encontra a Escola. Trata-se de uma questão de revitalização necessária da escola, enquanto organização viva e guiada por fins, possíveis através do encontro destes contrários – conservar e mudar – que por sua vez são também o próprio dilema da Cultura como um todo.

As Organizações são também elas próprias Cultura. A Escola é uma Cultura dentro de uma Cultura. Desta dialética surgirá o desenvolvimento de ambas. A Escola enquanto Cultura não se fecha em si mesma, ao contrário, comunica-se com a Cul-

tura na qual está inserida, realizando uma simbiose vital. A compreensão da medida em que cada uma das duas – a Escola e a Cultura – se influenciam não é fácil. Mais do que se tentar isolar cada interferência ou fazer um corte para extração dos fatores, observa-se o que resulta desta dupla ação. Há sempre uma resultante incalculável a partir destes dois vetores. Progressivamente as transformações vão sendo incorporadas, num sentido também cumulativo, e a partir dos efeitos de retroalimentação, de tal modo que se torna impossível dizer até onde tal fenômeno é proveniente originariamente desta ou da outra Organização. Isto acontece sem que as duas Organizações passem a se apresentar indissociadas. Cada uma permanecerá com sua identidade, apesar da mútua comunicação.

Sobre a questão da Escola ligada à Cultura, imbuída de uma função nitidamente temporal, é bom lembrar que a Escola tem uma responsabilidade educacional ligada ao que a Cultura exige, pois “a educação da criança não é somente uma contínua sucessão, ela se faz em um mundo cultural onde tudo é simultâneo.” (Stoetzel, c1963, p.81). Não se pode deixar para depois um problema, uma necessidade ou qualquer que seja o acontecimento escolar. A Educação falha em seus fins quando se desvincula dos acontecimentos culturais que rodeiam a Escola. Muitas vezes se observa, através da análise de currículos e programas, escolas inteiramente desconectadas com a cultura na qual se encontram. Nos menores detalhes podemos perceber o alheamento de algumas escolas, resultando desta indiferença

um enfraquecimento da ação educativa e o oferecimento aos educandos de uma visão deturpada do mundo onde vivem.

A criança não está apenas sob a influência da escola, onde passa apenas pequena parte de seu dia, considerando aquelas matriculadas e que realmente frequentam a escola. O resto de suas horas a criança vive num mundo de interferências múltiplas, exposta a todo tipo de estímulos, vivenciando experiências as mais diversas da cultura onde vive e até provenientes de outras culturas através dos variados meios de comunicação planetária. É preciso que estejamos lembrados de que a escola fica deste modo entendida em seu poder reduzido. As outras instâncias culturais podem ter até maior influência, exercendo um poder sobre a vida das crianças em atividades que podem ou não ser educativas.

Durkheim já se referia à importância da relação educativa da escola com o meio, lembrando que “antes de tudo o ideal pedagógico duma época qualquer exprime o estado da sociedade nessa época.” (1952, p.28) Há um sentido de adequação da escola às características da cultura neste ponto de vista que mais uma vez faz surgir a polêmica da submissão ou não da escola à cultura. No entanto não é fácil para a escola encontrar a sua identidade cultural num mundo onde há muitas diferenças simultâneas e onde as “situações culturais de transformações radicais” (Giesecke, 1987, p.77) deixam-na muitas vezes aparentemente sem rumo, levando-a à crise dentro da crise cultural. Nesta cultura aparentemente confusa, o citado

autor destaca ainda a Escola como uma das possibilidades, junto à Família, de resposta à perplexidade cultural existente.

A partir da já citada denúncia feita por Bourdieu e Passeron da reprodução da cultura através da educação, muitos estudos foram feitos ressaltando o papel conservador da escola, entre eles o de Tragtenberg que ressalta: "hoje em dia a preocupação maior da educação consiste em formar indivíduos cada vez mais adaptados ao seu local de trabalho, capacitados porém a modificar seu comportamento em função das mutações sociais." (*Tragtenberg, 1978, p. 15*) Tudo isto nos leva a uma reflexão sobre a dimensão da escola na cultura, seu papel e o grau e qualidade de sua relação.

III – Conclusão

Toda esta análise feita sobre a Escola e a Cultura através de autores que se vêm dedicando ao estudo destas relações nos leva a identificar tanto a escola, entendida como uma organização inserida numa cultura, servindo como instrumento de dominação e conservando o estado social, quanto, por outro lado, a escola oferecendo-se como o espaço privilegiado onde o sujeito encontra as ferramentas para a construção contínua de seu desenvolvimento e conseqüente capacidade crítica frente à própria cultura.

Neste estudo buscou-se entender o papel da escola enquanto organização cultural e foi encontrada uma complexidade tal que nos faz levantar muitas questões

para continuadas pesquisas, em vez de oferecer uma conclusão. Observou-se que a organização escola é de algum modo fechada a mudanças, e isto por várias razões, até para a sua própria sobrevivência na cultura onde se encontra. Isto não significa estar imune às pressões e turbulências que terminam por, de um modo ou de outro, mudar sua feição, exigindo-lhe modificações mesmo à sua revelia. A cultura demarca as linhas de atuação da organização, mas em que medida, vez por outra, esta organização escola também não lança as suas marcas ?

Estamos diante de múltiplas indagações ainda sobre as relações escola/cultura. Poder-se-ia pensar numa escola presa a uma cultura e ao mesmo tempo se insurgindo contra ela? Poder-se-ia supor uma escola resultado de uma intenção cultural e ao mesmo tempo agindo como elemento renovador desta própria cultura que a criou e alimentou ? A cultura vem moldando a escola ao longo de toda a sua existência. A cultura sofre abalos, crises, cortes profundos, mas resiste. A escola, como se comporta diante destas alterações ? São muitos os fatores determinando ou influenciando tanto a escola como a cultura e por isto não temos a pretensão de esgotar o tema. Cada comunidade cultural terá seu próprio conceito de escola, que resulta dos próprios fatores inerentes a esta, por isto não se pode pensar um modelo único de escola servindo a todos os tipos de cultura.

Apesar de todos os problemas conhecidos pelos quais a escola passa, ela subsiste por ser uma organização. Subsiste por

ser uma instância cultural e principalmente por ser uma organização cultural. A escola subsistirá na cultura na medida em que se renovar e não apenas acompanhar a curva da evolução da cultura, mas convivendo intimamente com as mudanças que estão acontecendo. Por isso é possível acreditar na relação escola-cultura como um vital intercâmbio.

Tentando uma resposta para o papel da escola na cultura, lembremo-nos de que não há uma escola desvinculada do seu meio, ela surge da e para a cultura. Ao mesmo tempo, a cultura em sua própria história exige o nascimento da escola, criando esta instituição como uma necessidade interior. Fez surgir a escola na dimensão de uma organização e a justifica inteiramente. É importante porém que tanto a cultura como a escola consigam manter a sua identidade, o seu conceito específico, mutuamente se influenciando, numa dialética altamente criativa.

A cultura é dinâmica e se constitui num fenômeno vivo e ativo no qual as pessoas se renovam, criam e ao mesmo tempo descobrem o sentido da permanência. A escola não pode afastar-se destas caracte-

rísticas da cultura pois correria o risco de se autodestruir. Ao mesmo tempo que a escola se consolida pelos frutos oferecidos como resposta à cultura existente, que a criou, ela recebe condições desta cultura para ir mais adiante, numa transformação enriquecedora constante.

Para finalizar, observemos que a escola sofre verdadeiros abalos provenientes de situações de crise acontecidas na cultura, o que nos leva à pergunta: Pode-se dizer que a escola está à mercê da cultura ?

Creio firmemente que não. A escola, embora seja uma organização ancorada em uma determinada cultura, mantém seu espírito livre para alçar vôos próprios. Ela não pode viver presa a um modelo rígido do passado pois sua vocação é o futuro numa dialética fecunda e rica da qual a cultura também sairá fortalecida. A Escola, compreendendo a sua vinculação, como organização cultural que é, melhor poderá exercer seu papel de agente modificador desta mesma cultura, devolvendo-lhe pessoas capazes de um exercício da liberdade e da reflexão crítica.

ABSTRACT

This article deals with the Education question in a specific dominion of a culture: the School. The school is analyzed as a cultural organization with educational objectives alongside different characteristics of cultures. The interaction between the person and the culture is also a purpose of this discussion. The question of the school meaning in the Education process and its important role in the culture is the main topic in this study. It suggests that this topic must be developed by continuous researches.

Keywords: Education – School – Culture – Person – Culture Interaction – Cultural Organization.

RESUMEN

Este artículo trabaja con la cuestión de la Educación en un dominio específico de una cultura: la Escuela. La escuela se analiza como la organización cultural con fines educativos a lo largo de diferentes características de culturas. La interacción entre la persona y la cultura es también objeto de esta discusión. La cuestión del significado de la Escuela en el proceso de la Educación y su importante papel en la cultura es el tema principal de este estudio. Se sugiere que este tema deba ser desarrollado por pesquisas continuas.

Palabras-clave: Educación – Escuela – Cultura – Interacción Personal – Cultura – Organización Cultural.

Referências Bibliográficas

- ARENDDT, H. *Entre o passado e futuro*. Tradução por Mauro W. Barbosa de Almeida. São Paulo: Perspectiva, 1972. 351p. (Debates; 64) Tradução de: *Between past and future*.
- BOURDIEU, P., E PASSERON, J-C. *A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino*. Tradução por Reynaldo Bairão. Rio de Janeiro: F.Alves, 1975. 238p. (Educação em questão) Tradução de: *La rreproduction*.
- BRANDÃO, C. R. *A Educação como Cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1985. 195p.
- BRASIL. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*, Brasília, DF, v.134, n.248, p. 27. 833 - 41. 23 dez. 1996. Seção 1.
- BRUNER.J.S. *The culture of Education*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1996. xvi, 224p.
- CIRIGLIANO,G. F.G. *Fenomenologia da Educação*. Tradução por Isaida Bezerra Tisott. Petrópolis, RJ.: Vozes, 1969. 233p. (Educação e Tempo Presente; 6) Tradução de: *Analisis fenomenológico de la Educacion*.
- COLE, M. *Cultural Psychology: once and future discipline*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1996.
- CUNNINGHAM, W.F. *Introdução à Educação*. Tradução por Nair Fortes Abu-Merhy. 2.ed. Porto Alegre: Globo, 1975. xxvi, 506p. Tradução de: *The pivotal problems of Education*.
- DUARTE,S. G. *Antropologia e Educação*. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Rio de Janeiro, v.47, n.105, p.129, jan/mar 1967.
- DURKHEIM, E. *Educação e Sociologia*. Tradução por Lourenço Filho. 3.ed. São Paulo: Melhoramentos, 1952. 76p. (Biblioteca de Educação: v.5)
- FAURE, E. et al. *Apprendre à etre*. Paris: Fayard: UNESCO, 1972. xliii, 368p. (Collection le monde sans frontiers)
- FURTER, P. *Educação permanente e desenvolvimento cultural*. 2.ed. Petrópolis, RJ.: Vozes, 1975.
- GIESECKE, H. *Das Ende der Erziehung*. Ernst Klett Verlag. Stuttgart – 3 Auflage- 1987

- HUBERT, R. *História da Pedagogia*. Tradução por Luiz Damasco Penna, J.B..Damasco Penna. 3.ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional; [Brasília, DF]: INL, 1976. 394p. (Atualidades pedagógicas; v.66) Tradução de: Histoire da la pedagogie.
- LINS, M.J. Multiculturalismo e universalismo. In: CONGRESS INTERNATIONAL OF EDUCATION INTERCULTURAL, 1999, Jyvaskyla, FIN. Anais...
- MARITAIN, J. *Rumos da Educação*. Tradução por Abadia de Nossa Senhora das Graças. 3.ed.Rio de Janeiro: Agir, 1963. 306p. Tradução de: Pour une philosophie de l'Education. (Coleção família)
- MARROU, H-I. *História da Educação na Antiguidade*. Tradução por Mario Leônidas Casanova. São Paulo: EPU; Brasília, DF: INL, 1975. xiv, 639p. Tradução de: Histoire de l'Education dans l'Antiquité.
- MONROE, P. *História da Educação*. Tradução por Idel Becker, Therezinha G. Garcia. 6.ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1958. 416p. (Atualidades pedagógicas; v.34) Tradução de: A brief course in the history of education.
- MORGAN, G. *Images of organization*. Newbury Park, Calif.: Sage, c1986. 423p.
- PIAGET, J. *Le jugement moral chez l'enfant*. Paris: Universitaires de France, 1973. 334p. (Bibliotheque de philosophie contemporaine)
- SCHELER, M. *El puesto del hombre en el cosmos*. Tradução por Jose Gaos. Madrid: Revista de Occidente, c1929. 153p. (Nuevos hechos. Nuevas ideas; 31) Tradução de: Die stellung des Menschen im cosmos.
- STOETZEL, J. *La Psychologie sociale*. Paris: Flammarion, c1963. 316p. (Nouvelle bibliotheque scientifique)
- TRAGTENBERG, M.A. A escola como organização complexa. In: GARCIA, W.E. (Comp.) *Educação brasileira contemporânea: organização e funcionamento*. São Paulo: McGraw-Hill: Rio de Janeiro: MEC, FENAME, 1978. p.15-32.
- VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. / L.S.Vygotski; organizadores: Michel Cole et al. Tradução por José Cippolla Neto, Luis Silveira Menna Barreto, Solange Castro Afeche. São Paulo: Martins Fontes, 1994. xv, 191p. (Psicologia e pedagogia) Tradução de: Mind in society: the development of higher psychological processes.